



Crise global pega o país no contrapé

Síntese: *O Brasil tem hoje melhores condições de resistir à crise financeira graças a importantes avanços institucionais conquistados na última década. Mesmo assim, estamos longe de passar incólumes pela tempestade. A crise chega numa hora em que alguns dos motores da economia brasileira começam a apresentar problemas sérios. O saldo em transações correntes terá uma reversão de US\$ 30 bilhões em relação ao ano passado. A pujança das exportações sustenta-se agora apenas nos altos preços, algo que a crise já vem derrubando. O volume embarcado já é menor do que há um ano; em alguns setores, a queda chega a 25%. Os efeitos sobre a economia real são inexoráveis: em cinco meses, as empresas listadas na Bovespa perderam R\$ 1 trilhão de valor de mercado.*

Depois do mais longo período de bonança do pós-guerra, a economia brasileira vive neste fim de 2008 seu primeiro teste verdadeiro. Ninguém se arrisca a prognosticar o que ainda está por vir, muito menos a assegurar que o pior já passou. Mas há pelo menos uma certeza: a situação é grave e não deve ser tratada com desdém. É tudo o que não se viu do presidente Lula até agora, sempre pronto a sobrepor mais um véu mistificador à dura realidade.

O país encontra-se em melhores condições de enfrentar crises econômicas globais do que esteve no passado. Até porque usufrui hoje de conquistas que ainda não existiam pouco mais de uma década atrás. (Para citar algumas: a responsabilidade fiscal, o regime de câmbio flutuante, o Proer.) Entretanto, agora a situação é muito menos cômoda do que em períodos recentes. Mesmo antes de setembro, as condições já eram muito mais adversas do que, por exemplo, no início do ano. Por que mudaram tanto em tão curto espaço de tempo? Por que durante tanto tempo as autoridades alardearam que o Brasil se “descolara” do resto do mundo e, assim, passaria incólume pela tempestade?

O comportamento do presidente Lula e de boa parte de seus principais assessores econômicos assemelha-se muito ao de polianas do mercado financeiro, sempre prontas a vender um cenário róseo, mesmo quando a tempestade já turvou o horizonte. Até entende-se que operadores de mercado vendam seu peixe à guisa de *wishful thinking* – ou seja, aquilo que eles desejariam que a realidade fosse, não o que ela é. Mas de governantes espera-se clareza e serenidade, jamais mistificação.

O crash pega o Brasil no contrapé. Alguns dos indicadores que garantiram a saúde da nossa economia nos últimos anos começam a dar mostras de exaustão e até mesmo reversão. É o caso, por exemplo, das contas externas, que este ano exibirão um déficit superior a 1% do PIB, depois de cinco anos no azul. A maciça entrada de recursos externos ao longo da fase de pujança global ajudou o país a fechar suas contas com sobras, mas, já a partir deste ano, a redução dos saldos comerciais e o aumento das remessas de dólares para o exterior deixarão a situação bem mais apertada.

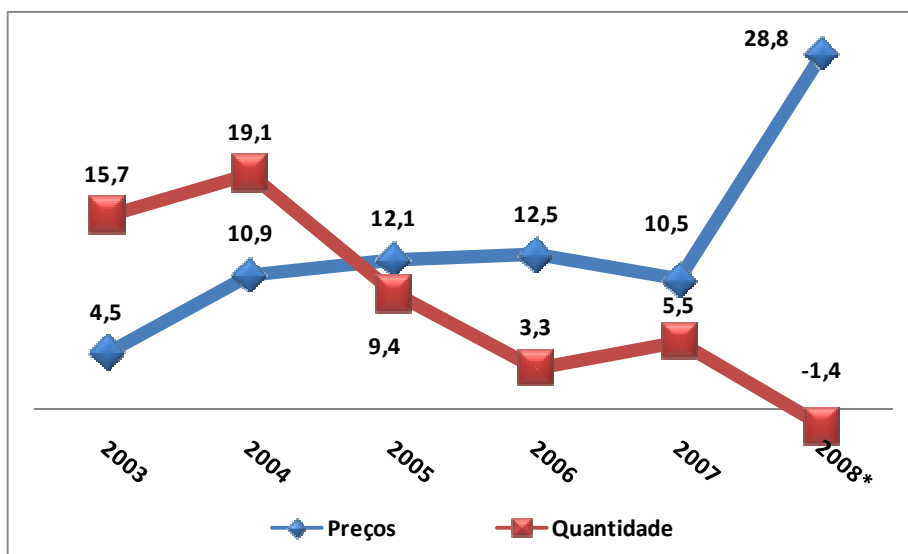
Em 2007, o balanço de transações correntes apresentou superávit de US\$ 3,3 bilhões. No início deste ano já se previa que, combatido pelo real valorizado, o indicador passaria ao vermelho. O que não se imaginava era a intensidade e a rapidez desta reversão. As expectativas colhidas pelo Banco Central no primeiro trimestre projetavam déficit de US\$ 8 bilhões em dezembro. Hoje o próprio BC já trabalha com um número quase quatro vezes maior – em linha com analistas de mercado. A sangria não deve parar: para 2009, o rombo previsto oscila entre US\$ 33 bilhões e US\$ 34 bilhões.

Embarques menores

É no comércio exterior que estão os dados mais desalentadores. Durante alguns anos este foi o motor da arrancada econômica nacional – substituído mais recentemente pelo dinamismo do mercado interno, movido a crédito farto, expansão do gasto público e larga distribuição de benefícios assistenciais. Mas seu comportamento ao longo de 2008 deixa antever sérias dificuldades pela frente, pondo em risco o esforço exportador das companhias nacionais.

O que melhor espelha isto é a redução da quantidade embarcada. Segundo a Funcex, até agosto – dado mais recente disponível – a quantidade de bens vendidos pelo país ao exterior caiu 1,4%. O comportamento é cadente. Na outra ponta, os preços cresceram 29% no mesmo período. Só isso explica por que o país ainda ostenta superávits na sua balança comercial.

Evolução das exportações brasileiras (em %)



Variação percentual em relação ao ano anterior. *Acumulado no ano até agosto. Fonte: Funcex

De preocupante, o quadro tornou-se dramático. Com as cotações de *commodities* – ainda os itens de maior peso na pauta exportadora nacional – desabando, o comércio exterior volta a viver dias de apreensão. A única atenuante é a escalada do dólar, que torna os produtos nacionais mais atrativos no exterior. Ainda assim, o saldo previsto para 2009 (US\$ 12 bilhões) é apenas metade do esperado para este ano.

A realidade mostra que, mesmo antes dos momentos mais agudos da crise financeira até agora, muitos setores produtivos nacionais já viviam dias de tensão em relação ao comércio internacional. De 24 segmentos acompanhados pela Funcex, apenas um terço não tinha visto o volume embarcado para o

exterior cair desde janeiro. O mais grave é que as mais afetadas são as indústrias com maior potencial de geração de emprego: vestuário (queda de 27% na quantidade exportada no ano), produtos de madeira (-23,4%), couro e calçados (-15,8%). Mais uma vez, só o até então persistente aumento das cotações internacionais as socorria.

A teoria da "marolinha"

Em virtude deste quadro, tudo indica que o desdobramento da crise financeira na economia real encontrará muitas empresas com a operação já fragilizada. Infelizmente, os efeitos sobre os investimentos e sobre a geração de emprego se farão sentir com maior intensidade já no próximo ano, quando nem o mais otimista dos observadores crê numa expansão do PIB brasileiro acima de 3,5%. Neste momento, o país pode ver falhar o empuxo do mercado interno – que já perde fôlego com o crédito a caminho da escassez – e não poder contar com o impulso do setor externo, prejudicado por anos de descalibragem exagerada no câmbio e nos juros.

Num cenário assim, um dos comportamentos mais deletérios é menosprezar os desafios a enfrentar, o que torna as providências mais morosas e menos eficientes. É o que se pode chamar da teoria da "marolinha", usando uma expressão empregada pelo presidente Lula para, já com a economia mundial em convulsão, dizer que o problema era "do Bush" e que o Brasil iria, no máximo, "pegar um resfriado".

Tome-se o valor de mercado das empresas listadas na bolsa de valores de São Paulo para aferir o tamanho da onda que nos arrastou. Entre 20 de maio passado, quando o Ibovespa atingiu sua máxima histórica, até o último dia 10, a sexta-feira que encerrou a pior semana em muitos mercados pelo mundo, esta soma caiu de R\$ 2,396 trilhões para R\$ 1,388 trilhão, segundo a consultoria Econômica. É o equivalente a 40% do PIB do ano passado. Basta traduzir isso em investimentos e empregos dizimados para ver que de "marolinha" o crash em que estamos metidos nada tem.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br